



Contributos para a Educação Religiosa em Timor-Leste – Estudo Comparativo da Existência da Alma Depois da Morte na Cultura Timorense e na Tradição Cristã

Domingos Alves da Costa^[1]

amalves21071952@gmail.com

Resumo: A história de Timor-Leste é um rico tecido de diversas culturas e crenças. O presente trabalho pretende contribuir para o campo da educação religiosa e dos estudos religiosos e antropológicos, ao investigar a intrincada relação entre a visão tradicional timorense da alma após a morte e a doutrina cristã da ressurreição dos mortos. Tomando como ponto de partida a realidade vivida dos povos ao redor do monte *Ramelau*, o estudo evidenciou que essas duas cosmovisões, longe de se excluírem mutuamente, encontram espaços de convergência e diálogo profundo. Ao analisar as concepções timorenses sobre a vida após a morte, procura-se estabelecer um diálogo com outras tradições culturais e religiosas, particularmente a religião católica, enriquecendo a compreensão sobre a experiência humana.

Palavras-Chave: Morte; Ressurreição; Cultura timorense; Cristianismo.

Contributions for Religious Education in Timor-Leste – A Comparative Study of the Existence of the Soul After Death in Timorese Culture and Christian Tradition

Abstract: The history of Timor-Leste is a rich tapestry of diverse cultures and beliefs. This study aims to contribute to the field of religious education and religious and anthropological studies by investigating the intricate relationship between the traditional Timorese view of the soul after death and the Christian doctrine of the resurrection of the dead. Taking as its starting point the lived reality of the peoples around Mount *Ramelau*, the study showed that these two worldviews, far from being mutually exclusive, find space for convergence and deep dialogue. By analyzing Timorese conceptions of life after death, we seek to establish a dialogue with other cultural and religious traditions, particularly the Catholic religion, enriching our understanding of the human experience.

Keywords: death; resurrection; Timorese culture; Christianity.

[1] Domingos Alves da Costa de Timor-Leste. É sacerdote católico, ordenado em Braga, Portugal no dia 16 de julho de 1978. Bacharel em Teologia pelo Instituto de Teologia de Braga, filiado na Universidade Católica de Lisboa em 1978. Fez curso de *Licenza* e mestrado em Filosofia na Universidade Pontifícia Salesiana em Roma, Itália no ano de 1991. Fez curso de *aggiornamento* de um ano acadêmico em Filosofia na Universidade Pontifícia Gregoriana em Roma. Foi Reitor do Seminário Maior de S. Pedro e S. Paulo, Dili, Timor-Leste durante sete anos e Reitor do Instituto Superior de Filosofia e de Teologia da CET (Conferência Episcopal Timorense), durante um período de oito anos e atualmente é diretor da academia de Música D. Alberto Ricardo da Silva.

Introdução

A história de Timor-Leste é um rico tecido de diversas culturas e crenças. Neste trabalho, debruçar-nos-emos sobre um dos temas mais intrincados e profundos da experiência humana: a morte e a ressurreição. Como se interlaçam os conceitos de vida após a morte na cultura timorense tradicional com as noções cristãs de ressurreição. Através de uma análise interdisciplinar, procuraremos compreender como essa interseção moldou a identidade e a espiritualidade do povo timorense.

No meio da diversidade cultural de Timor-Leste, a crença na vida após a morte manifesta-se de forma singular. A ressurreição, tanto na perspectiva cristã como nas tradições ancestrais, oferece uma narrativa que transcende o sofrimento e a finitude. Este estudo procura compreender como essa esperança se manifesta nas práticas, ritos e cosmovisões do povo timorense, contribuindo para a construção de uma identidade cultural única.

A morte, um evento universal, é vivenciada de maneira particular por cada cultura. Em Timor-Leste, a crença na ressurreição continua a ser um pilar fundamental da vida espi-

ritual. Ao explorar as diversas manifestações dessa crença, buscamos compreender como ela influencia as atitudes diante da vida, da morte e do sofrimento, tanto no passado como no presente.

A ressurreição, como metáfora da renovação e da esperança, é um tema que transcende as fronteiras geográficas e históricas. Ao analisar as conexões timorenses sobre a morte e a vida após a morte, procuramos estabelecer um diálogo com outras tradições culturais e religiosas, sobretudo a tradição cristã, enriquecendo a nossa compreensão sobre a experiência humana.

Como nota introdutória, é importante frisar que a vivência da cultura da morte em Timor-Leste é uma questão considerada por toda a sociedade. Ninguém é alheio a esta realidade uma vez que está inculcada no espírito timorense. A morte, para o espírito timorense, não é apenas uma separação permanente e incommunicável, mas é sempre vista como uma aproximação intermitente entre espíritos dos vivos e dos mortos. A presença do espírito destes se manifesta através dos objetos deixados em vida que são rigorosamente guardados em lugares sagrados (*uma lulik*,



fatim lulik) para poderem ser sempre comemorados e lembrados aos vindouros.

A tradição timorense enfatiza e acredita que o espírito dos falecidos continua em vida para além da morte. Não se define a morada certa e verdadeira deles, decifra-se que as almas vagueiam pelos montes e lugares sagrados para finalmente desaparecerem na imensidão infinita do universo.

Esta ideia da crença da vida ultraterrena e da continuidade de vida de uma forma diferente e espiritual é congénita na conceção da morte na população tradicional timorense. Sendo assim, é facilmente aceitável a conversão de um animista timorense à doutrina cristã-católica da ressurreição dos mortos, porque está já latente uma predisposição para esta nova dimensão escatológica no fim dos tempos. A Ressurreição de Cristo para subir ao Céu e estar à direita de Deus Pai e da ressurreição da carne é luz que dá sentido à busca pagã de um lugar para os mortos que deixaram de peregrinar no mundo.

Apresentar-se-á um estudo de comparação entre uma conceção claramente animista da crença na existência de vida após a morte timorense

com a fé dos católicos na Ressurreição de Cristo e dos mortos.

1. A Sobrevivência da Alma Depois da Morte na Cultura Animista Timorense

Falar de Timor e compreendê-lo é necessário conhecer a alma do oriente e saber, antes de tudo, que o timorense vê e ausculta a realidade primando mais a sensibilidade do que a inteligência, como bem afirma Paulo Braga (1936):

Timor só se compreende quando se conhece um pouco a alma do Oriente, aquela alma de aromas penetrantes, de cores gritantes e de ruídos álares, feita de mil perfumes suaves, de mil cores veladas e de mil sons indistintos, que pelos séculos fora tem encantado algumas sensibilidades ocidentais que para lá vão e por lá ficam, ou que, quando regressam, lá deixam, entretanto, uma parte da própria existência (Braga apud Manuel, 2017, p.19).

A ilha de Timor situa-se no arquipélago das Pequenas Ilhas de Sonda, no sudeste asiático e mede aproximadamente 32.300 Km quadrados. Atualmente, é dividida em duas partes pelos antigos colonizadores holandeses

(parte ocidental, Indonésia) e portugueses (parte oriental, Timor-Leste): a parte oriental (14.874Km²) é independente e chamada Timor Lorosa'e (nome designado na independência) ou Timor-Leste e a parte ocidental (16.264,78 km quadrados) faz parte integrante da República Democrática da Indonésia (Braga apud Manuel, 2017, p.82).

A origem da palavra Timor surge dos pontos cardeais no malaio vulgar, considerando as seguintes designações: *utara*, “norte”; *selatan*, “sul”, *timur*, “leste”, e *barat* “oeste”. Timur que significa “oriente” é o nome indígena da ilha. Mais tarde, na sua descoberta, os portugueses basearam-se no termo *Timur*, e da palavra grave fizeram Timor, vocábulo agudo, para designar a mesma ilha, onde se encontra a mais oriental das ilhas da zona.

Na primeira viagem às Molucas, que António Abreu levou a cabo por ordem de Afonso de Albuquerque, os portugueses descobriram Timor em 1511, mas só praticamente em 1515 é que começaram a estabelecer contatos regulares com a população (Sá, 1961, pp.13-15).

Como comerciantes de sândalo e missionários de evangelização cristã,

os portugueses visitavam várias vezes a ilha e convidavam os indígenas a falar o português e, por isso, é que encontramos alunos de Solor e Timor a frequentar o Colégio de S. Paulo de Goa e as escolas de Malacca. Em anos posteriores, quando os missionários começaram a estabelecer escolas, capelas, criaram dialetos locais ou crioulos do português com os anónimos intérpretes indígenas, os chamados *topazes* e *durubaças* em Lifau, Batugadé, Manatuto e Dili. Mas esta situação não foi suficiente os timorenses conseguirem falar fluentemente a língua portuguesa, passados quatro séculos. Não são proficientes linguisticamente porque, quando os portugueses desembarcaram, a ilha estava estruturada em pequenos reinos que, de quando em quando, guerreavam-se mutuamente e não deixavam tréguas para atividades de ordem social pelos descobridores (Sá, 1961, p.20). Para piorar esta situação, nos últimos vinte e cinco anos do século XX, a República Democrática de Indonésia invadiu e anexou Timor Português, proibindo de se falar e ensinar a língua portuguesa nas escolas. Hoje, no século XXI, depois de vinte anos de Independência, a maioria dos timo-



renses continua a não falar o português, mesmo que este seja a língua oficial. Esta é uma questão que deve ser refletida seriamente por todos os cidadãos.

A palavra “Timor” provém dos primitivos navegantes malaios que chamavam a ilha de *Timur*, termo malaio para “leste”, uma vez que a ilha ficava a leste de seu país (Thomaz, 2002, p.25). Portanto, segundo a etimologia deve-se dizer que Timor-Leste significa “oriental do oriente”. Assim diz Luís Filipe Thomaz sobre a proveniência do termo Timor “dos contactos com os malaio existem testemunhos linguísticos nos idiomas de Timor. É malaio (da Malásia) o próprio nome da ilha (Timor) – que significa ‘Oriente’; e o termo *malae* (do malaio, *melayu*, “malaio”) tomou em tétum e noutras línguas o sentido genérico de “estrangeiro, pessoa de fora ou estranha à ilha” (Thomaz, 2008, p.241).

Os portugueses, durante a expedição da armada do vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque, que conquistou Malaca e as Ilhas Molucas no início do século XVI, presume-se que desembarcaram em Timor por volta de 1515, atraídos pelo mel, pela cera e, principalmente, pelo comércio do

sândalo, espécie de madeira de bom cheiro, existente em abundância na ilha (Maxwell, s/d, p.21).

Luís de Camões, o grande poeta português, nos *Lusíadas*, ao citar Timor, dizia: “Ali também Timor, que o lenho manda Sândalo, salutífero e cheiroso” (Camões, Canto X, p.134). E considerando ainda por Camões que Timor assiste primeiro ao nascer do sol em todo o planeta, afirma o seguinte: “O sol, logo em nascendo vê primeiro” (Camões, Canto I, 8). Na cidade de Dili existia um fontenário com estas mesmas inscrições gravadas. A afirmação deste teor leva-nos a crer que o poeta português na expedição da frota portuguesa no oriente tenha passado por terras de Timor. Com certeza ele teve experiência “in loco”.

Timor começou a ser conhecido no mundo com o comércio do pau sândalo, cheiroso com os comerciantes chineses e indianos e árabes em tempos remotos. A propósito desta planta de valor económico, reza assim a história:

Esta ilha foi incorporada desde tempos remotos à história mundial, devido e quase exclusivamente à existência de um produto natural de grande valor no mundo inteiro: a madeira de

sândalo. A relação foi tão intrínseca que durante os séculos XVI e XVII o sândalo e Timor foram sinónimos na cartografia e na documentação europeia da época: as ilhas dos sandalos eram as ilhas do Timor e vice-versa. O sândalo determinou a história de Timor e fez com que o desenvolvimento deste lugar fosse diferente ao do resto das ilhas da região (Sanchez, 2010, p.1).

Em tempos remotos, todos os cronistas chineses, árabes e ibéricos afirmavam que a ilha de Timor estava coberta por florestas de sândalo. O científico português Tomé Pires escreveu que Timor estava coberta por uma grande quantidade de sandalos brancos e que era considerado como o único território exportador desta madeira até o fim do século XIX.

O sândalo é descrito como uma árvore sempre verde que pode alcançar quinze metros de altura, produz pequenas flores amarelas, um fruto escuro e uma madeira muito dura com um forte aroma que caracteriza a sua grande procura e o seu grande valor comercial. Não se sabe exatamente a origem da palavra *sândalo*, mas segundo a etimologia, parece ter vindo da língua sânscrito que

dá o nome de *candanam* ao sândalo e sob o ponto de vista fonético parece vir da língua persa *candal* e do malaio *cendana*. No entanto, as referências mais antigas sobre esta preciosa madeira encontram-se em registos religiosos e poéticos na tradição judaico-cristã como um produto apreciado para ser oferecido a Deus. Podemos encontrar referências sobre isso na Bíblia, no livro dos Reis, a propósito da visita da rainha de Sabá ao rei Salomão onde, entre outros presentes, ela ofereceu o pau cheiroso (Sanchez, 2010, pp.2-3).

A história de Timor divide-se basicamente em quatro tempos: o pré-colonial, o colonial (ocupação portuguesa e indonésia) e a independência. Foi uma colónia portuguesa desde 1515 até 1975, ano em que foi proclamada, unilateralmente, a 28 de novembro, como República Democrática de Timor-Leste. A Indonésia invadiu o território da nova nação a 7 de dezembro de 1975 e ocupa-o, integrando-o como a sua 27ª província. Durante os 24 anos de ocupação, a resistência dos timorenses manteve-se persistente contra a Indonésia em três frentes: na frente armada, clandestina e diplomática no exterior. A ocupação da Indonésia perdurou até



1999, ano em que, na sequência de um acordo tripartido entre a Indonésia, Portugal e as Nações Unidas, foi realizado um referendo organizado e coordenado pelas Nações Unidas do qual resultou a vitória dos defensores da independência.

Timor é uma terra que, segundo as lendas antigas, provém de um crocodilo devido à sua forma geográfica. Sendo semelhante à figura de um crocodilo, todos os timorenses o veneram como “avô lafaek”. Olhando para a geografia da metade oriental da ilha de Timor, o relevo apresenta-se de montanhas alinhadas e de imponentes cordilheiras que percorrem a parte central do território, dando lugar a duas elevações: o Ramelau, que atinge os 2.980 metros e o monte Cblaqui, com uma altura máxima de 2.340 metros. Em Timor-Leste existe diferenças entre o litoral da costa norte e o da costa Sul. Na costa norte abundam os relevos acidentados, os declives fortes e algumas áreas planas ou planícies e vales. Na ponta leste da ilha existem áreas de menor altitude e declives suaves com ocasionais relevos abruptos com picos bastante altos como o monte Matebian, com 2.370 metros e o Mundo Perdido, com 1.770 metros de altura. Na

costa Sul aparece o relevo mais variado, com declives menos acentuados, com abundância de planícies de aluvião junto à costa. Normalmente, as planícies e vales dos litorais da costa norte e sul são considerados celeiros do povo e aí lavram a terra, fazem as várzeas e hortas para o sustento familiar. Em Timor aplica-se, na maioria das vezes, o cultivo de subsistência, enquanto a maioria da população vive nas montanhas por causa do seu clima ameno em relação ao clima do litoral, que é mais quente e húmido com abundância da doença tropical da malária. Nos litorais, além do cultivo do arroz e dos outros produtos agrícolas, há também criação de gados bovino, suíno, caprino e também galináceas para serem vendidos nas cidades. Assim, a economia do povo nestas áreas é bastante mais elevada, comparando com o povo que vive nas encostas e nas montanhas.

1.1. Animismo: tradição e religião dos ancestrais

Originariamente, Timor-Leste é um povo que vive o animismo na sua crença. Crê nos espíritos dos mortos, na presença do espírito em objetos da natureza, nas águas, nos animais e nas montanhas. O animismo não

é uma religião organizada, mas é um conjunto de crenças, mais ou menos supersticiosas. No entanto, os timorenses são monoteístas, porque, na realidade, creem num único Deus, embora a ideia que têm dele é bastante vaga e imprecisa e não foi objeto de culto. Deus é concebido como um ser absoluto e longínquo dos homens. Por causa da ausência imediata da sua presença, os timorenses aceitam a existência de outras manifestações do sobrenatural em muitos seres que creem dotados de um espírito ou alma, impregnada na natureza e que chamam *lulik*. Os seres transcendentes ou espirituais mais próximos da vida diária dos timorenses são os espíritos ou as almas dos seus antepassados que são venerados como fonte de vida e protetores dos vivos (Thomas, 2008, pp.385-386).

Todo o homem é naturalmente religioso. E assim os antepassados timorenses também tinham a religião dos seus ancestrais que, desde os primeiros grupos no paleolítico, seguiam uma escala de valores, pon-do Deus no topo, seguindo-se dos antepassados falecidos e finalmente os homens vivos (Almeida e Carmo, 2002 pp.1-7). Os ancestrais timorenses acreditavam na existência de

um ser supremo, criador de todas as coisas, poderoso e invisível que habita no sol, tal como os católicos que acreditam que o ser supremo habita no céu. Este ser é denominado em todo o território *Maromak*, que quer dizer o “brilhante”, “aquele que brilha” (Almeida e Carmo, 2002, pp.1-7). Almeida e Carmo, ao estudar a religião do grupo linguístico de Mambae afirma que:

é um povo monoteísta acreditando que esta situação se pode generalizar a todos os outros povos de Timor-Leste, muito embora não possuam um pensamento muito desenvolvido acerca do ente supremo. A noção que dele têm é até bastante nebulosa e imprecisa. Tributam-lhe grande respeito, mas um respeito imbuído de medo e não de amor. (Almeida e Carmo, 2002, pp.1-7).

Normalmente a relação entre os vivos ao seu Deus é através dos antepassados mortos, tributando-lhe culto por meio de vários estilos para aplicar a ira de Deus e dos mortos que sempre os castiga pelos seus erros e suas faltas cometidas:

Deus castiga por meio de epidemias, mortes, flagelos vários, quando a conduta dos homens lhe desagradava.



Se um homem ou mulher morrem já velhos, consideram o facto como coisa natural. Mas se eram ainda jovens, então, trata-se de castigo de Deus ou represália de algum espírito a quem não se prestaram as homenagens devidas (Almeida e Carmo, 2002, pp.1-7).

O culto aos mortos ocupa um lugar muito importante na vida do dia-a-dia dos gentios timorenses, mais do que propriamente o culto a *Maromak* (Deus). A crença destas pessoas, sobretudo na área *mambae* refere que, quando um timorense morre, o seu espírito separa-se do corpo e vai habitualmente viver, provisoriamente, para o pico Tata-Mai-Lau (o “monte-avô”, com 2.980 metros, situado no monte Ramelau). A residência do espírito é variável de região para região, uma vez que pode ser num rochedo, numa árvore ou numa nascente, entre muitos outros lugares ditos sagrados (Almeida e Carmo, 2002, pp. 1-7).

A descrição do processo do culto aos mortos seria desta forma: após o óbito, são colocados num recanto de uma habitação que se chama casa *lulik* (casa sagrada) vários objetos que pertenciam ao morto (catanas, vasilhas, pedras). Existe normalmente

uma casa *lulik*, um espaço sagrado por cada família da aldeia. Estes objetos mencionados acima colocados em uma *lulik* têm a função de representar o falecido, cujo espírito aí permanece até que possa libertar-se e seguir para o Tata-Mai-Lau, depois de uma série de cultos ao defunto. Uma das cerimónias é organizar um *estilo* que o satisfaça. O *estilo* é um termo usado para significar uma festa de oblação pelo defunto para satisfazer o seu espírito, abatendo e ingerindo-se vários animais como búfalos, porcos, cabritos, galinhas e até cães. O objetivo desta reunião de familiares para esta festa é prestar homenagem ao morto e garantir-lhe uma vida apaziguada, depois de liberto do cárcere carnal. São três os estilos fúnebres habituais:

- O estilo de *taca-rate* ou *hacoi-mate* (literalmente “fechar a cova” ou “enterrar o morto”).
- O estilo do *ahe-sae* (rosto para o alto), que tem lugar cerca de um ano depois e é o mais importante dos três. Em alguns sítios, atualmente, chama-se *core metan* (desluto), *tirar a roupa preta*. Nesta celebração, juntam-se todos os membros da família, quer *famílias de umane* (família-

res da mulher) mesmo os que moram muito longe e *famílias de fetosan* (familiares do marido) e abatem-se tantos búfalos, porcos e cabritos de acordo com as normas estipuladas pelos dois grupos de familiares (*umane-fetosan*). A festa começa com sons de batuques, tambores, toques de discos de cobre, acompanhados de danças, canções e, não faltam, claro, comida e bebidas e carnes à fatura. Os respetivos chifres e queixadas dos animais abatidos são pendurados num poste colocado sobre a sepultura, com o sentido de que o espírito destes animais possam servir o dono na outra vida. Antigamente, enterravam-se com o seu dono um servo, um cavalo e/ou um cão para o servirem no outro mundo, tal como nesta vida. Terminado o estilo, o espírito do morto ascende aos cumes do *Tata-Mai-Lau*. A este facto se dá o nome de “o rosto para o alto”, ou seja, “cara para cima”.

Volvidos dez anos, efetua-se o último estilo — que reúne grande número de famílias, e é nesta altura que se presta homenagem a 20 ou 30 mortos simultaneamente — chama-

do *abe-du* “cara para baixo”. Esta é a última etapa em que depois disto o morto desce da montanha e vai para junto do mar, encarnando numa ave chamada *tirlolo* ou *casset*. Neste sentido, é forçoso notar que os timorenses, no culto aos seus mortos, põem em relevância as forças dos seres animados como Deus, homens vivos, animais e seres inanimados como forças da natureza.

No animismo timorense sempre existiu e existe um diálogo e uma ligação quase umbilical entre a crença espiritual e culto aos seus mortos como uma teologia tradicional ligada à antropologia da montanha, uma vez que a montanha é tida como presença do divino, do transcendente, dos espíritos dos mortos que influenciam bastante a vida diária das pessoas. As almas dos mortos vagueiam neste mundo passando de montanha para montanha até chegarem ao Ramelau, esperando por oblações e sacrifícios de animais para serem transformados na imensidão do infinito em outros espíritos mais superiores.

Há cristãos que, fanáticos pelo culto dos mortos dos antepassados, não fazem distinção entre celebrações cristãs e festas gentílicas e, por isso, participam também em refeições cul-



tuais aos mortos, porque têm medo do castigo dos seus mortos. Querem agradar ao Deus de Jesus Cristo porque são católicos e querem agradar aos *matebian*^[2] porque não querem desligar-se das suas convicções e tradições culturais. Apesar da religião católica estar presente há muitos anos em Timor-Leste, ainda existem muitas formas pagãs na expressão da fé cristã. Nas zonas do interior, por exemplo, mantêm-se os rituais dos ancestrais, muitas vezes misturados com os dos sacramentos e outros sinais cristãos.

Numa grande diversidade de crenças populares, há um respeito enorme pelo sagrado, não se sabendo bem os limites entre a fé cristã, a crença animista e o medo ao *matan-dook*^[3]. É interessante notar que os gentios timorenses, na época da invasão da Indonésia que os obrigava a terem uma religião, não foram facilmente levados a aderir ao islamismo imposto, preferindo o catolicismo porque se sentiam mais verdadeiro e sem proibição da comida do porco. O animal porco é importante na troca de bens nas festas dos timo-

renses e é proibido o seu consumo na religião de Maomé. As consequências nefastas do pecado no catolicismo misturam-se com o medo de castigo dos mortos na conceção do culto animista timorense. Qualquer infortúnio na vida de uma pessoa é, várias vezes, considerado como desgraça de Deus e castigo dos mortos.

1.2. Onnipresença do espírito na natureza

No passado como animistas e agora como católicos, os timorenses, vivendo um sincretismo religioso, acreditam na presença de espíritos na natureza. O ambiente englobante em que o homem timorense vive e respira está condensado de sinais de presença de algo sempre transcendente, como transmissão de desejos dos falecidos, da ira ou da bondade dos espíritos. Nestas situações, cabe ao olhar atento dos vivos interpretar o significado dos sinais. Dá a entender que existe interferências de espíritos entre os vivos e mortos, entre os que partiram deixando os vivos, “mas se mantêm atentos e interventivos nas deambulações dos seus descendentes”. Como refere Fernando Sylvan:

No seu viver de todos os dias os mortos contam tanto como os vi-

[2] *Matebian* significa o morto.

[3] *Matan-dok*: *matan* é olho e *dok* é longe; aquele que vê longe que significa o feiticeiro.



encontramos a sua múltipla função ontológica de vida dos timorenses, como descrevem Rui Centeno e Ivo Carneiro de Sousa (Pascoal apud Araújo, 2013, pp. 39-40).

Podemos considerar que os *lulik* (sagrados) são intermediários entre Deus e o homem, e são geralmente conservados nos locais de culto, as uma-*lulik* (casas sagradas). Na religião tradicional timorense, o ente supremo, Deus, é designado em *tétum* por *Maromak*, que significa “o brilhante”, a que não se presta nenhum culto especial. Os ritos da religião tradicional foram designados por estilos e consistem essencialmente em sacrifícios. O estilo mais exuberante é o do funeral (*hakoi-mate*) e destina-se a alimentar a alma do morto. Acontece isto, porque segundo a cultura tradicional de Timor-Leste, o mundo dos vivos permanecia em relação com os mortos.

Os timorenses concebem que quando se oferecem sacrifícios de animais ou presentes aos deuses, estes têm a obrigação de retribuir algo ao homem e assim, os antepassados são vistos como santos, seres comuns que encarnaram divindades. De facto, na tradição oral em Timor-Leste, a alma

do falecido é considerada como um segundo deus, de modo que quando uma pessoa passa num cemitério, deve sempre fazer o sinal da cruz ou colocar algo como oferta. Tradicionalmente, o culto timorense é dirigido aos espíritos dos antepassados e aos objetos sagrados (*lulik*), que pode ser materializado, sendo sempre considerado como sendo poderes sobrenaturais, inexplicáveis. Todas as etnias ainda têm casas sagradas consideradas como santuários. O culto tradicional dos antepassados aos *lulik* foi facilmente assumido pelos missionários no tempo dos portugueses. Os timorenses acreditam no único Deus que é *Maromak*.

1.4. Significado da casa sagrada no contexto atual

Para falar da cultura timorense e a sua tradição primeiramente é preciso saber a base filosófica desta cultura. Não podemos desviar os nossos pensamentos daquilo que os timorenses chamam *Lulik*. A palavra *lulik* saiu como voz e símbolo na tradição, e representa todo o universo, por exemplo: *bee-lulik* (água sagrada), *foho-lulik* (montanha sagrada), *rai-lulik* (terra sagrada), *ai-lulik* (árvore sagrada), *Uma-Lulik*, *fatuklulik*

(pedra sagrada) entre outros (Durand apud Irta, 2013, pp.37-38). *Uma lulik* é considerado como templo tradicional do povo timorense onde se guardam objetos pertencentes a antepassados, azagáis, catanas (súrik), despojos de guerra para honrar os antepassados até objetos religiosos católicos apoderados pelos timorenses aos primeiros missionários.

Em Timor-leste, *uma lulik* (*casa sagrada*) é vista não só como o lugar para guardar os objetos sagrados, mas também como um sítio para as reuniões e as atividades dos ritos tradicionais, como o *tunu* – um ato de matar os animais para oferecer ao *kuku* – os ancestrais invisíveis e é o símbolo da unidade social dos seus habitantes. Todos os componentes da *uma lulik* representam a unidade social da comunidade. A *uma lulik* é uma parte principal do sistema ritual religioso do étnico timorense e tem a ver com a procissão de cerimónias ritualizadas e culturais, como o funeral (*hakoi mate*) e a celebração da morte depois de um ano (*mutun mate*), a inauguração da própria *uma lulik*. Estas cerimónias dão-nos a conhecer aspetos importantes do aprofundamento do pensamento religioso. Podemos chamar *Uma lulik* templo dos *objetos lulik*, coisas sagradas e,

normalmente, cada família tradicional tem o seu *uma lulik* doméstico ou familiar, em que os *objetos lulik* são guardados para celebrações ocasionais de sementeiras, de nascimentos e óbitos. A esse respeito, Cinatti, Almeida e Mendes (1986, p. 79) afirmam:

[...] habitada pelos espíritos dos antigos guerreiros, antepassados dos que habitam o povoado ou o reino. Construída por uma ou várias famílias é propriedade de toda a população e o elemento de união entre o clã: se a “uma lulic” desaparecer por ruína ou incêndio, grande desgraça abater-se-á sobre o povo e as famílias dispersar-se-ão. Quando de um incêndio ou má colheita os velhos e entendidos são consultados e geralmente a razão apontada é a incúria ou descuidos a que foi votada a casa; o remédio é repará-la quanto antes ou construir uma nova para que os espíritos dos avós não tenham de se queixar. A guarda da “uma lulic” é confiada a um velho ou velha do clã que são responsáveis por ela perante a população (Cinatti; Almeida; Mendes apud Silva, 2017, p.26).

Depois da independência, a política da cultura e do património nos recentes governos de Timor-Leste



presta uma atenção particular às *uma lulik*, incentivando os timorenses a construí-las ou a reconstruí-las, elegendo-as como um paradigma simbólico da cultura timorense e, sobretudo, como elemento de identidade do povo. No contexto atual em que a maioria dos timorenses é católica, a casa sagrada continua a ter a mesma importância e valor para eles, considerando-a como tradição proveniente dos seus antepassados que se deve manter, mas com menos ressonância como antigamente.

1.5. Os costumes e hábitos timorenses

Devido às diversas e diferentes influências migratórias do passado remoto, Timor-Leste adquiriu vários costumes e hábitos diferentes que variam de zona para zona, assim como a diversidade das línguas nativas. Apesar desta diversidade, existem valores comuns como a cultura de uma “conceção do mundo tendente a associar duplos, sob a forma de polos duplos: masculino/feminino; interior/exterior; imóvel/ativo” (Durand, 2009, p.42). Todavia, não se podem considerar esses elementos como opostos, mas há necessidade de complementaridade entre eles.

Nas sociedades tradicionais, há o costume de atribuir uma grande importância ao sagrado, pois o animismo modela todo o pensamento e o sentimento da alma timorense. O timorense via em tudo, nas pedras, nas árvores, nas fontes e nas montanhas a origem dos espíritos e das forças humanas. A relação do homem com os mortos é muito forte, traduzida muitas vezes em rituais do culto sobre as pertencas e os despojos do falecido, fazendo súplicas para a proteção dos vivos na doença e nas dificuldades da vida. O *uma-lulik* (a casa sagrada) é o lugar sagrado onde se guardam as coisas ditas sagradas pertencentes aos antepassados e onde se dá, normalmente, o encontro dos vivos e dos mortos.

A família timorense é muito consistente, forte e numerosa. Os pretendentes dos casamentos que se realizam seguem uma regra estabelecida na relação de parentesco para tornar mais coeso o tronco familiar e fazer com que a riqueza desta família não passe para outras famílias que não são comuns. Existem grupos em Timor que adotam uma forma matrilinear na constituição de novas famílias, dando à mulher um lugar determinante não só no seio da família como

na regência dos reinos, embora na maioria dos outros grupos adotam a forma patrilínea em que o homem tem o poder.

1.6. A crença do Homem timorense

Timor mantém as tradições ancestrais bem vivas nas suas aldeias recônditas, mesmo após a evangelização cristã. Apesar da religião católica, presente há tantos anos, ainda existem muitas formas pagãs na expressão da fé cristã. Nas zonas do interior mantêm-se os rituais ancestrais, muitas vezes misturados com os dos sacramentos e outros sinais cristãos. Numa grande diversidade de crenças populares, há um respeito enorme pelo sagrado, não se sabendo bem os limites entre a fé cristã, a crença animista e o medo ao *matan-dook* (feiticeiro).

Conservam-se ainda as *uma-lulik* (casas sagradas) onde se presta culto aos antepassados em altares próprios. Estas casas estão construídas de tal forma que mantêm o seu sentido sagrado. Além da lareira própria para uso diário, tem outra lareira destinada ao *tei*, que significa sagrado, onde se faz a cozinha para as almas dos antepassados que são venerados como

fonte de vida e protetores dos vivos. Acredita-se que são os antepassados que presidem os destinos da família e protegem os membros.

1.7. A morte na cultura timorense

Na cultura timorense, a morte é uma realidade humana que deve ser encarada como um acontecimento físico-espiritual nas suas várias dimensões. Uma delas é a sacralidade da morte e a outra é a presença contínua do morto com os familiares vivos, exigindo da parte destes o cumprimento de diversas funções culturais ou religiosas, como também responsabilidades a serem concretizadas por todos os membros envolvidos, conhecendo cada um o que deve fazer. De um modo geral, os antepassados timorenses concebem a morte como uma partida de um ente querido que parte para uma imensidade infinita e quase desconhecida, trilhando caminhos tortuosos, vagueando daqui e acolá, pelos montes até o avô das montanhas, o *Ramelau* para a zona de *mambae* ou o *Matebian* para a zona de *Makasae*, o lugar de paragem não definitivo dos espíritos dos mortos à espera de sufrágios e oblações, por parte dos familiares vivos. Para o



timorense tradicional, a concepção do mundo do além tem características do mundo do aquém, as coisas são pensadas em categorias físicas uma vez que se desconhece as coordenadas espirituais puras. E isto testemunha-se com várias atuações feitas com o morto. A preocupação dos familiares vivos é fazer com que o seu ente falecido tenha sucesso na viagem ao mundo do além, sem encontrar obstáculos, até atingir o descanso permanente. Para isso, em algumas regiões de Timor-Leste, como nas áreas de Viqueque, Baucau ou mesmo em outros lugares da parte de mambae, o morto tem de levar roupa para trocar, para fazer sua viagem; ele é sepultado juntamente com um cavalo para levar as cargas deste mundo, um cão para o guardar e o acompanhar. No dia da sepultura, os acompanhantes levam alimentos para comer no cemitério, despedindo-se desta forma do morto que, com este banquete, terá forças suficientes para realizar a sua longa viagem. Em casa do falecido matam-se búfalos, porcos, cabritos e até cães como imolações sagradas e rituais do culto, intercedendo aos familiares defuntos que partiram para que recebam um novo ser que se vai juntar a eles.

1.7.1. A tradição do culto aos mortos

O culto aos mortos é, nas sociedades de todo o mundo, uma tradição com vínculos culturais profundos e sempre muito particulares. Sob o ponto de vista sociológico e psicológico toda a humanidade considera a morte como uma separação de um ente querido que parte para sempre, sem se poder ver mais no convívio dos homens e o facto deixa um vazio e uma saudade na alma de todos; do fundo do coração inquietante dos que ficam surge uma pergunta: para onde ele vai, qual é a sua mansão? Permanecerá vivo? Talvez pensando um pouco mais profundamente pode-se chegar à ideia vaga de uma vida do além, ultraterrena.

Nos povos primitivos, naturalmente, como homens que pertencem à mesma humanidade, existia também este sentimento e esta vivência de separação da morte e a mesma pergunta se colocava. O que perpassava no espírito dos nossos antepassados é um filme de uma viagem dos mortos vagueando pela natureza à procura de uma habitação. Há uma mistura de espiritualismo e animismo com a crença amalgamada na natureza que caracteriza a interpretação da passa-

gem dos mortos desta vida (Almeida e Carmo, 2002, pp.1-7). Assim, em Timor-Leste, olhando para a zona de Hatobuilico, onde se encontra o monte Ramelau, encontramos o culto dos mortos com suas características próprias, as suas crenças e tradições originais. O nome dado ao morto concreto é o *Matebian*, mas também o termo quando é designado em plural refere-se aos mortos passados (antepassados/espíritos dos mortos). Este conceito ocupa um lugar central na cosmologia animista timorense.

Há duas formas de mortos: *mate mean* (morte por assassinio, por desastre, ou por guerra) e *mate metan* (morte natural, por doença ou por velhice). O *mate mean* é considerado pelos timorenses como uma morte má e o seu espírito pode causar vingança ou danos físicos e morais, infelicidades na vida contra a sua família e mesmo contra a família e o autor da sua morte. “Uma grande parte da sociedade timorense acredita que esses espíritos são ‘almas viajantes’ com poder de influenciar o mundo dos vivos” (Kent, 2010, p.209).

Quando uma pessoa morre, os procedimentos que se seguem são: dar conhecimento aos familiares de consanguinidade e de afinidades,

os “*fetosá*” e “*umane*”^[5]. Juntam-se os vizinhos na casa do defunto para depositar velas, dinheiro e prestam homenagem ao defunto rezando ou “*hamulak*”^[6], chorando e saúdam os familiares do morto. Entretanto, os familiares do “*fetosá*” reúnem-se para juntarem as suas posses e animais, como búfalos, cabritos, cães, dinheiro, vinho e os do *umane*, porcos, “*tais*”^[7], arroz, a fim de virem oferecer à família do falecido. Chegados a casa do morto, entregam os tributos e são convidados a dirigirem-se para o morto e saúdam-no com gritos de choro, passando a mão pelo corpo do morto, pronunciando palavras fúnebres sobre a sua vida. Depois param de chorar para começar a rezar. Terminado a oração, apresentam os sentimentos de pesar à família enlutada.

[5] *Fetosá* e *umane* são dois termos que traduzem relações familiares. *Fetosá* significa a casa ou o conjunto da família do noivo, onde a noiva vai ficar e viver. *Umane* é a casa ou o conjunto da família da noiva que saiu para ir coabitar com a família do noivo.

[6] *Hamulak* é elevar preces a Deus.

[7] Sobre o *tais* que é o tear tradicional timorense com sua grande variedade e funções pode conferir o artigo de Fernanda Sarmento em Fernanda de Fátima Sarmento Ximenes, ‘O TAIS’ – Desde os Primórdios à Contemporaneidade, ‘Timor-Leste: Memórias e História da Antropologia’.



De seguida são convidados para se sentarem no *biti* (esteira) no chão e são-lhes oferecidos nos respetivos “*kretik*”^[8] betel, areca, cal e tabaco para se servirem. Entretanto, prepara-se o almoço ou o jantar matando os animais tributados para os hóspedes que permanecerão todo o dia e toda a noite: é a cerimónia do “*hader mate*”. O almoço ou o jantar é servido de forma indiscriminada, uma vez que há duas mesas de iguarias diferentes. Na mesa reservada aos familiares de fetosá, serve-se, além do arroz, carne de porco e, na mesa dos familiares de umane, só se serve a carne de búfalo ou de vaca. Aquele que infringir esta norma será penalizado com animais, seguindo o seu estatuto de fetosá ou umane, ou seja, o fetosá tem obrigação de repôr búfalos e cabritos, vinho e o umane porcos, tais e arroz.

A tarefa do ritual fúnebre é distribuída desta forma: alguns homens preparam a matança dos animais; as senhoras cozinham e outros homens preparam o caixão que antigamente era cavado diretamente do tronco da árvore, “*ai kian*” ou “*ailele*” ou estei-

ra de palmeira “*hedan*”, “*akadirun*”, e outros preparam a cova no cemitério dos seus antepassados.

A partida de alguém para sempre suscita dúvida no porvir. Levantam-se perguntas fundamentais do homem: o que resta desta pessoa? Para o timorense ele deixa sempre o seu rasto, o seu espírito nos *lulik*. A continuidade da vida não se põe em questão e a sua memória permanecerá nos vivos através dos objetos consagrados, como bem nota Mircea Eliade ao dizer: “o homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados” (Eliade, Mircea, s/d. p.26).

É interessante comparar o *modus vivendi* da tradição secular do culto dos mortos de Timor-Leste no que refere à presença dos mortos na vida quotidiana dos vivos com outras formas de crença de outros povos que, embora sendo culturas diferentes, são iguais em ritos. É oportuno recordar que os romanos acreditavam que o enterro do corpo do morto seria juntamente com a sua alma: “Os ritos fúnebres mostram claramente que quando colocavam um corpo na sepultura acreditavam enterrar algo vivo (...) alma nascida com o corpo,

[8] *Kretik* é um pequeno cesto feito de palmeira que se chama “*akadirun*” que serve para pôr folhas de betel, areca e cal para mascar e tabaco caseiro para fumar como sinal de bem-vindo.

não seria dele separada pela morte; alma e corpo são encerrados juntos no mesmo túmulo” (Coulanges, 2005, p.18). A forma como eram homenageados os mortos na época dos romanos apresenta uma notável semelhança com a expressão fúnebre da cultura timorense. Essa crença de que o espírito ou a alma do morto permanece vivo é fonte de esperança e de vida para os vivos.

1.7.2. A montanha de Ramelau: o repouso dos espíritos dos mortais

O Ramelau é a maior cordilheira montanhosa da ilha de Timor. A sua zona de influência atinge os distritos de Ainaro e Ermera, sendo vários os montes que a constituem. Ramelau, dada a sua imponência e importância, é um caso singular no imaginário e na identidade timorense. Em tempos remotos, era local de culto genílico mas, atualmente, é um local de culto religioso, seja através das romarias católicas, de que é exemplo uma das maiores procissões da Nossa Senhora que se realiza todos os anos, no dia 7 de Outubro – em 1997 foi inaugurada a imagem – e em que milhares de fiéis percorrem a pé toda a encosta do monte para prestar culto lá bem no cume do Ta-

ta-Mai-Lau, seja entre a religião animista, onde é *lulik* (sagrado) porque lugar mítico, particularmente no seu monte mais alto, o Tata-Mai-Lau, o *Avô dos Avôs ou Avô Primeiro das montanhas*. Atualmente também se criou o hábito de, semanalmente, os jovens subirem a montanha de Ramelau não só para o culto e recreio, mas também para assistir a beleza do despontar do sol.

O que diferencia as montanhas de Timor-Leste com as outras montanhas é o significado construído pelo povo ao redor desses picos. As montanhas em Timor-Leste são vistas como moradia dos deuses e dos espíritos dos mortos, portanto são lugares sagrados. Como Timor é montanhoso, não há dúvida nenhuma que os antepassados davam muita importância e valor à realidade das montanhas. Por natureza, o povo timorense é religioso, animista porque acredita na presença dos espíritos em quase tudo. Qualquer sinal que aparece na vida do homem é sempre interpretado como bom ou mau desejo das almas falecidas. O povo vive oprimido pelo medo de castigo dos mortos, através de infortúnio na saúde, no bem-estar e na felicidade. Para aplacar a ira dos espíritos do outro mundo é necessá-



rio recorrer aos rituais de matanças dos animais como sacrifícios e oblações.

Pelo facto de que algumas montanhas de Timor-Leste se apresentarem imponentes com cumes que arrancam os céus, os ancestrais timorenses consideram-nas como moradas de Deus ou dos espíritos e das almas dos antepassados, tais como o monte Ramelau, o Matebian – por ter a forma de um morto deitado – o Cabalaqui. Nos discursos festivos tradicionais citam-se o nome das montanhas como lugares de passagem e de oração dos mortos. As montanhas possuem o sentido de transcendência em relação à vida imanente do homem.

Desde os tempos imemoriais, os tempos dos portugueses e dos indonésios e nos tempos atuais, o espírito sagrado existente na natureza, nas casas sagradas, nos objetos sagrados e nos lugares sagrados mantêm-se incólume na psicologia do timorense. As montanhas e as casas sagradas são tidas como moradas dos espíritos dos mortos e da divindade, só que nas montanhas a presença dos espíritos é geral, comparando com as casas sagradas como recintos de cada grupo de famílias com um tronco comum de linhagem, onde

se guardam os utensílios usados na guerra ou do dia-a-dia dos antepassados falecidos e onde os familiares vivos compartilham o mesmo teto. As casas sagradas têm também o sentido de convivência contínua entre os vivos e os mortos.

Olhamos para a natureza e sentimos a sua grandeza e mistério. Na verdade, a percepção do mundo ultrapassa aquilo que se pode captar com os métodos científicos naturais.

1.7.3. O itinerário do defunto – *Toli mate*

Segundo a tradição cultural, quando morre alguém, efetua-se as cerimónias fúnebres e os rituais tradicionais após os quais a sua alma é enviada para a sua morada, através do hamulak (oração) dos *kukus* (chefes religiosos tradicionais) passando a realizar o seu itinerário de uma montanha a outra em direção ao pico do Ramelau, designado por Tatamaelau, esperando por vários anos até à cerimónia de *toli mate*. Após a morte, os espíritos continuam a viver, ora vagueando por lugares estranhos, ora retidas nas cavernas das montanhas sagradas, ou encarnando mesmo em animais e objetos sagrados. Assim, confirma as pesquisas de Ângela Car-

rascalão: “Uns anos depois – o período varia de um a quarenta anos – realiza-se nova cerimónia, o *toli mate*”. O “*hakoi mate*” ou “*toli mate*”, é uma cerimónia que consiste:

No enterro geral, no qual o lia nain, o dono da palavra, invoca os mortos, deverá fazê-lo de forma convicta e concentrada até que a força da sua palavra derrube o búfalo que sucumbirá e cairá morto a seus pés. Está cumprido mais um ritual e ter-se-ão com isso fortalecido, aprofundado e renovado os laços familiares (Carrascalão, s/d, p. 5).

Sob o ponto de vista fenomenológico, devemos interpretar a viagem dos mortos pelo espaço físico como factos que apelam para um sentido espiritual, isto é, a passagem das almas para a paz e a quietude do mundo transcendental. Em termos de comparação com a religião católica, apresentamos a purificação das almas no Purgatório, antes da visão beatífica do Céu. Este seria o fundo da questão que, na ótica da evangelização, isso facilitou a adesão dos timorenses animistas à fé católica, trazida pelos antigos missionários portugueses. Pela razão de semelhança nas concepções entre animismo e cristianismo,

os timorenses enveredaram e preferiram a religião católica à muçulmana. Podemos verificar isso na invasão de Timor-Leste pela Indonésia, o país com mais muçulmanos no mundo. Mesmo com o poderio militar da Indonésia e a política de intimidação aos timorenses para abraçarem a religião de Maomé, foram em vão todos os seus esforços.

O animismo timorense não tem nenhuma concepção clara da eternidade e do absoluto como as outras religiões, mas tem aspetos simbólicos daquilo que é absoluto e eterno decididos nos espíritos dos mortos presentes na natureza. Quanto ao destino final dos mortos, todos os crentes do animismo sentem-se corresponsáveis, sobretudo os familiares, em celebrar atos de purificação e de oblação sacrificial dos seus mortos para os elevar até ao repouso provisório no monte de Ramelau para, finalmente, com a última celebração do *toli mate*, as almas serem enviadas para a imensidão do oceano através da ribeira Loes, a maior ribeira de Timor-Leste. Com o *toli mate* dá-se por terminado toda a responsabilidade que recai sobre os ombros dos familiares vivos em orar pelos seus mortos. Daqui para frente não se cita mais os seus



nomes porque já foram entregues ao absoluto e a eternidade que os vivos desconhecem. Com o *toli mate*, todos os familiares falecidos são citados e celebradas as suas memórias. Em primeiro lugar recolhem-se os seus restos mortais, onde quer que se encontrem, para construir por cada um ou por famílias falecidas, túmulos nos cemitérios familiares, com a ajuda económica de todos os membros; em segundo lugar, são celebradas as missas em sufrágio das almas e, em terceiro lugar, são abatidos animais: galinhas, cabritos, porcos, búfalos e bois para a refeição de todos, durante dias seguidos. É nesses encontros familiares que se faz a cobrança de dotes entre as gerações que ainda vivem. Cada um é obrigado a contribuir, segundo o grau familiar a que pertence. Assim, a obrigação pelos mortos deste longo período é cumprida e espera-se por umas dezenas de anos para celebrar um novo *toli mate* universal.

Para confirmar este pensamento do lugar desconhecido do além, citamos as palavras de Mircea Eliade: “Esta vida vem de qualquer parte que não é deste mundo, e finalmente retira-se de cá de baixo e “vai-se” para o além, prolonga-se de uma maneira misteriosa num lugar desconhecido,

inacessível à maior parte dos vivos” (Eliade, p.156). Na crença tradicional, o timorense, embora animista, acredita que há vida depois da morte. Há uma vida espiritual existente algures, sem certeza de qual é a sua forma. Acreditam que os espíritos humanos habitam para sempre num espaço transcendente desconhecido. “Para o homem religioso, a morte não põe um termo definitivo à vida. A morte não é mais do que uma outra modalidade da existência humana” (Eliade, p.157). Os timorenses, na sua maioria, acreditam na existência de outra vida para além da morte.

O homem timorense é afeiçoadamente religioso e demasiado supersticioso, crendo em ações de maldade ou de benfazeja dos espíritos dos mortos na vida diária dos vivos, descurando-se em saber as causas naturais e científicas das coisas. Por um lado, é um mal porque as pessoas quando ficam doentes ou em situações de apuros, atribuem a doença a outras entidades ou pessoas em que se desconfia. E isto é frequente nas famílias, atualmente. Contudo, acredita-se num mundo do além: “Seja qual for o contexto histórico em que se encontra o *homo religiosus* crê sempre que existe uma realidade abso-

luta, o sagrado, que transcende este mundo e, por este facto, o santifica e o torna real” (Eliade, p.209).

2. A Subsistência da Alma para a Ressurreição dos Corpos no Fim dos Tempos

2.1. O conceito de Ressurreição

A Ressurreição é um conceito presente em diversas religiões e crenças que se refere ao ato de voltar à vida após a morte. Esse retorno pode ser entendido de diferentes formas, variando entre uma ressurreição física do corpo, como é o caso da crença tradicional timorense, uma ressurreição espiritual da alma, ou a combinação de ambas.

No Catecismo da Igreja Católica, define ressuscitar como:

Na morte, separação da alma e do corpo, o corpo do homem cai na corrupção, enquanto a sua alma vai ao encontro de Deus, embora ficando à espera de se reunir ao seu corpo glorificado. Deus na sua onipotência, restituirá definitivamente a vida incorruptível aos nossos corpos, unindo-os às nossas almas pela virtude de ressurreição de Jesus (Catecismo da Igreja Católica, 997).

De forma resumida, a ressurreição pode ser encarada em diferentes contextos como em religiões.

- **No cristianismo:** a Ressurreição de Jesus Cristo é um dos pilares da fé cristã, representando a vitória sobre a morte e o pecado. Acredita-se que todos os fiéis também serão ressuscitados no Juízo Final (Catecismo da Igreja Católica, 1002).
- **Nas outras religiões:** a crença na ressurreição também está presente, como o Islamismo, o Judaísmo e algumas religiões orientais, embora com nuances e interpretações específicas.
- **Na mitologia de diversas culturas:** a ressurreição é um tema recorrente. Heróis e deuses, muitas vezes, são retratados ressuscitando após grandes desafios e batalhas, simbolizando a imortalidade e o renascimento.
- **Na Filosofia:** a ressurreição é um tema recorrente, onde é explorada a natureza da alma, a possibilidade de vida após a morte e o significado da ressurreição para a condição humana.



Há também tipos de Ressurreição como:

- **Ressurreição física:** é retorno à vida do corpo físico, como a crença cristã na ressurreição dos mortos no fim dos tempos. Na crença tradicional timorense acredita-se que alma do morto retorna à vida depois da morte.
- **Ressurreição espiritual:** é a renovação da alma e vida espiritual, independentemente do estado físico do corpo.
- **Ressurreição simbólica:** é um renascimento interior, uma transformação pessoal ou um novo começo na vida.

2.2. Perspetiva Teológica e Histórica da Ressurreição

A Ressurreição de Jesus pode ser interpretada tanto como um facto teológico quanto como um evento histórico, dependendo da perspetiva adotada.

2.2.1. Perspetiva Teológica

Para os cristãos, a Ressurreição de Jesus é um evento central e essencial da fé. É considerada a vitória de Cristo sobre a morte e o pecado, simbolizando a promessa da vida eterna para os crentes. Na teologia

cristã, a Ressurreição tem um significado espiritual profundo, sendo um fundamento doutrinário para a crença na redenção e salvação.

2.2.2. Perspetiva Histórica

Do ponto de vista histórico, a Ressurreição de Jesus é um tema controverso. Embora muitos documentos antigos, como os Evangelhos do Novo Testamento, relatem a ressurreição, o evento é interpretado de maneiras diferentes por estudiosos e historiadores. Há uma divisão entre aqueles que consideram a ressurreição como um evento que pode ter ocorrido historicamente, baseado em testemunhos dos primeiros cristãos, e aqueles que a veem como uma narrativa simbólica ou mito criado pela comunidade cristã primitiva. A falta de evidências físicas e a natureza sobrenatural do evento tornam difícil tratá-lo como um fato histórico no sentido estrito (Catecismo da Igreja Católica, 639).

Portanto, a Ressurreição de Jesus é, para a fé cristã, um facto teológico fundamental, enquanto do ponto de vista histórico é uma questão de interpretação que depende de crenças, pressupostos e métodos de análise histórica e filosófica.

2.3. Eixo de comparação entre a crença do *toli mate* com a ideia cristã da ressurreição

Na nossa análise sobre a cultura tradicional da morte em Timor-Leste, damos conta de que o culto do *toli mate* em que o *Kuku na'in*, após as grandes cerimónias de última recomendação do morto, implora que o mesmo se transforme num novo ser, totalmente livre de todas as influências humanas, não difere da ideia da ressurreição dos mortos da fé cristã, que visa a transformação do indivíduo mortal num ser imortal, livre de todas as maldades do pecado e que se apresenta a Deus de Bondade Infinita. Assim, a nosso ver, a fé na existência da alma após a morte na tradição timorense é uma predisposição natural que tende a abraçar a fé cristã da ressurreição.

Considerações Finais

Na cultura timorense, a morte não representa um fim absoluto, mas o início de um processo contínuo de separação da alma do corpo, marcado por rituais, memórias e manifestações espirituais. Esta jornada da alma — que passa por diferentes estágios até alcançar o repouso definitivo — pode ser interpretada como uma forma simbólica e antecipada da esperança cristã na ressurreição final. A tradição cultural da morte em Timor, com sua ênfase na permanência da alma e na sua libertação gradual, prefigura, em termos próprios, a promessa cristã da vida eterna.

Concluimos, assim, que a cosmovisão tradicional timorense não constitui um obstáculo à fé cristã, mas sim um terreno fértil de aproximação e compreensão mútua. A experiência espiritual do povo timorense, ancorada em séculos de tradição, revela-se compatível com os fundamentos da escatologia cristã, abrindo caminho para uma vivência da fé que respeita e integra a identidade cultural do povo timorense. Nesse sentido, a inculturação do cristianismo em Timor-Leste não exige o abandono das crenças ancestrais, mas sim um processo de diálogo, purificação e apro-



fundamento, onde a alma timorense encontra ressonância na mensagem evangélica de esperança e vida nova. Essa convivência entre o ancestral e o cristão não apenas enriquece a experiência espiritual da comunidade, como também revela uma sabedoria local capaz de integrar diferentes horizontes de sentido. Em Timor-Leste, os rituais ligados aos mortos, os lugares sagrados e os mitos de origem não são vistos como obstáculos à fé cristã, mas como expressões complementares de uma busca comum por transcendência e comunhão com os antepassados e com Deus.

O diálogo entre essas tradições, portanto, não se dá apenas no plano teórico, mas encarna-se nas práticas quotidianas, nos ritos funerários, nas celebrações litúrgicas e na memória coletiva. Ele mostra que a fé vivida no contexto timorense é, antes de tudo, relacional, comunitária e profundamente enraizada no território.

Damos, assim, por concluído, que a experiência do morrer em Timor-Leste oferece um exemplo concreto de inculturação do cristianismo, onde a fé cristã é vivida sem apagar as marcas da tradição local. Pelo contrário, ela se deixa transformar e enriquecer por essa tradição, construindo

uma espiritualidade única, que fala tanto do sofrimento e da esperança do povo timorense quanto da universalidade do mistério pascal.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Irta (2013). *O Sagrado na Cultura das Parteiras do Timor-Leste*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CAMÕES, Luís, *Lusiadas*.
- CARRASCALÃO, Ângela (2006, 17 de dezembro). Raízes de Timor. *Jornal Público*. disponível em: <https://timor2006.blogspot.com/2006/12/razes-de-timor.html>.
- CENTENO, Rui; SOUSA, Ivo (2001). *Uma Lulik Timur – Casa Sagrada de Oriente*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/21194>.
- CINATTI, R.; ALMEIDA, L.; MENDES, S. (1987). *Arquitetura timorense*. Instituto de Investigação Científica Tropical – Museu de Etnologia.
- COULANGES, Fustel (2005). *A Cidade Antiga*. Martin Claret.
- DURAND, Frédéric (2010). *História de Timor-Leste, da Pré-história à Atualidade*. 2ª edição, trad. do Francês de Daniel Lacerda e Carlos Samedo. Edição Lidel.
- ELIADE, Mircea (s/d). *O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões*. Tradução da edição original em alemão por Rogério Fernandes. Edição Livros do Brasil.
- HELENA, Isabel Borges Manuel (2007). *Conhecimentos, atitudes e práticas sobre planeamento familiar de mulheres timorenses residentes em Portugal*. Disponível em: <https://books.google.rw/books?id=ff51AjuqBvUC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>.
- KENT, Lia (2010). *Justica Seidauk Mai (Justice is yet to come): Rethinking the dynamics of transitional justice in East Timor*. Unpublished PhD thesis. University of Melbourne.
- PASCOAL, Ezequiel Enes (1949). *O culto dos Lulik*. Seara – Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli. ano 1, nº 1,12-15.
- SÁ, Artur (1961). *Textos em Tétun da Literatura Oral Timorense*. Vol.I.
- SILVA, Renata Nogueira (2017). *De cultura a Patrimônio: Uma lulik no Timor-Leste pós-colonial e seus efeitos na reprodução social*.
- SYLVAN, Fernando (1965). *Como Vive, Morre e Ressuscita o Povo de Timor*. In *Actas do Congresso Internacional de Etnografia*. IV.



- THOMAZ, Luís Filipe (2008). *País dos Belos, Acheegas Para a Compreensão de Timor-Leste*. 1ª edição. Fundação Oriente.
- THOMAZ, Luís Filipe Reis (2002). *Babel Loro Sá'e. O Problema Linguístico de Timor-Leste*. Instituto Camões.